

# DUAS PROFESSORAS, DOIS TESTEMUNHOS: TECENDO UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DO ENSINO DA MATEMÁTICA NO PRIMÁRIO<sup>84</sup>

Joseane Pinto de Arruda<sup>85</sup>

Cláudia Regina Flores<sup>86</sup>

## Resumo:

O propósito desse texto é saber e discutir que práticas associadas às propostas da matemática moderna (1960/1970) foram lançadas para ensinar matemática no ensino primário do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC), durante a década de 1980. A partir de testemunhos orais de duas professoras, narrando suas experiências e interações, foi possível perceber uma prática de ensino de matemática articulada também às orientações curriculares da matemática moderna como, por exemplo, a linguagem dos conjuntos, expressando concepções, modelos e ritos particulares. Nesse movimento, outros aspectos vieram à tona, tais como as expectativas construídas ao CA/UFSC e personagens que, assim como as testemunhas, fizeram parte dos 50 anos dessa escola. Assim, pode-se considerar que testemunhos orais constituem, também, uma das fontes que permitem entre outras coisas, alargar o conhecimento sobre uma parte do passado para compreender, no presente, como práticas em um determinado ensino são engendradas.

**Palavras-chave:** história da educação matemática; ensino primário; práticas pedagógicas; testemunhos orais.

## Abstract:

The purpose of this paper is knowing and discussing what were the practices associated with the proposals of modern mathematics (1960/1970) in the elementary school of Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC) during the 1980s. From the oral evidence of two teachers, narrating their experiences and interactions,

---

<sup>84</sup>Este estudo é parte da tese desenvolvida em nível de doutoramento.

<sup>85</sup> Professora dos Anos Iniciais do CA/UFSC e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). [jarruda@ca.ufsc.br]

<sup>86</sup> Professora Doutora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC. [crf@mbox1.ufsc.br]

it was possible to perceive a practice of mathematics teaching also articulated to the guidelines of the modern mathematics curriculum, for example, the language of sets, expressing concepts, models and particular rites. In this movement, other issues have arisen, such as the expectations built by CA/UFSC and characters that, besides being witnesses, were part of the 50 years of this school. Thus, one can consider that oral testimony is also one of the sources that enable us, among other things, to enlarge the knowledge about a part of the past in order to understand in the present, how specific teaching practices are engendered.

**Keywords:** history of mathematics education; elementary school; teaching practices; oral testimonies.

### *Tecendo histórias escritas a partir de testemunhos orais...*

Duas trajetórias de vida, duas mulheres, duas mães, duas lembranças em um mesmo espaço e convivendo em um mesmo tempo. Trata-se de Cleusa Maria Borges Platt e Ivaneide Coelho Martins<sup>87</sup>, professoras que vivenciaram o processo de implantação do ensino primário no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC) no ano de 1980.

O interesse em reencontrar as referidas professoras emergiu após um estudo em que se apontavam a linguagem dos conjuntos e os blocos lógicos como marcas da reforma da matemática moderna<sup>88</sup> presentes nos planos de ensino no primário do CA/UFSC, no ano de 1980 (ARRUDA; FLORES, 2010). A análise desses planos, além de ter contribuído para problematizar uma história no presente, facultava-me saber de que modo tais vestígios de um ensino da matemática do passado tinha sido praticado.

A importância de ouvir testemunhos sobre um determinado ensino no passado é defendida por historiadores da educação matemática. Por exemplo, Valente (2008, p. 9) entende ser imperativo analisar os impactos da reforma da matemática moderna “no fazer cotidiano dos professores”, para desconstruir julgamentos pré-estabelecidos e pessimistas no ensino

---

<sup>87</sup> O nome das professoras foi mantido por autorização em termo de consentimento livre e esclarecido.

<sup>88</sup> São exemplos das propostas da reforma da matemática moderna, oficialmente incorporada nos programas da escola primária catarinense na década de 1970: a linguagem dos conjuntos como articuladora de outros conceitos matemáticos, o uso de vocabulário e de simbologias específicas, bem como, de materiais do tipo estruturado (ARRUDA, 2009).

atual. Por sua vez, na interface entre História Oral e Educação Matemática, Garnica (2006) considera o estudo das práticas realizadas no passado um modo de discutir no presente a formação do professor e da professora de matemática.

Com efeito, em tempos recentes, a escrita da história como uma operação *do* e *no* presente (CERTEAU, 2007) vem alertando para o reordenamento e reconhecimento de novas fontes documentais. Abre-se espaço, por exemplo, para as evidências orais que, apoiadas sob a memória, permitem tecer História(s) representando o passado. Ora, “[...] a Memória, não sendo a História, é um dos indícios, documento [...] para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem a um só tempo” (BASTOS; STEPHANOU, 2005, p. 418).

É com esse propósito que emerge esse texto. Ou seja, por meio de testemunhos orais, busco saber e discutir que práticas associadas às propostas da matemática moderna (1960/1970) foram lançadas para ensinar matemática no primário do CA/UFSC, na década de 1980. Dessa maneira, munida de um roteiro temático para entrevista, termo de consentimento livre e esclarecimento e um gravador digital, fui recebida em meados de dezembro de 2009 e início de janeiro de 2010, respectivamente, por Cleusa e Ivaneide.

No entanto, ao apelar para a memória como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva” (LE GOFF, 1992, p. 476), os testemunhos sobre o passado expandiam-se em narrativas para além do proposto. Pois, como falar apenas das representações<sup>89</sup> individuais das professoras sobre o ensino da matemática no primário do CA/UFSC em 1980, sem narrar também seus processos individuais construídos ao longo do tempo no coletivo desta escola?

Nesse sentido, ao se tecer parte de uma história de práticas no ensino de matemática no primário do CA em 1980, tecia-se também parte da história dos 50 anos desta escola. Os fios que engenhavam as histórias eram tramados ao sabor da memória e da subjetividade de Cleusa e Ivaneide,

---

<sup>89</sup>Compreendo com Chartier (2007, p. 12): “[...] representações (individuais e coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não são simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas entidades” possuidoras de “uma energia própria que persuade (convence) de que o mundo ou o passado é, com efeito, o que dizem que é.”

atualizando o passado por meio de seus fragmentos. Uma história, de quem fez parte de outra, moldada nesse texto por “[...] vozes da memória que adquirem pela costura dos fragmentos das lembranças dimensão de tecido social e de identidades coletivas” (DELGADO, 2006, p. 46).

Assim, inicialmente, escrevo brevemente sobre as protagonistas desse texto, as professoras Cleusa e Ivaneide para, em seguida, discutir como se deu a participação de cada uma no processo de implantação do ensino primário no CA/UFSC em 1980. Depois, exemplifico como o ensino da matemática no primário era planejado pelas referidas professoras. Dessas narrativas, busco relacionar alguns vestígios da reforma da matemática moderna, sobretudo a linguagem dos conjuntos e o uso de materiais estruturados. Por fim, apresento as considerações finais à guisa de conclusão.

### ***Da Escola Reunida, Grupo Escolar ao CA/UFSC: muitas lembranças...***

Neta de Inspetor Escolar e mãe professora, a florianopolitana Cleusa Maria Borges Platt desde muito nova identificava-se com o magistério e, diga-se, com o ensino da matemática, disciplina que lecionou nos últimos anos como professora efetiva do CA/UFSC. Em 1967 concluiu o curso Normal, no Colégio Coração de Jesus, das Irmãs da Divina Providência, em Florianópolis; um ano depois, ingressou no magistério público estadual, permanecendo até o ano de 1980. Nesse ínterim, no ano de 1970, cursou Pedagogia na Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC).

Das lembranças carinhosas da Escola Reunida no Sertão do Perequê (Itapema/SC), do Grupo Escolar Getúlio Vargas (Florianópolis/SC) e da Escola Básica Silveira de Souza (Florianópolis/SC) estão o sentimento de gratidão e amor pelo CA/UFSC. Conforme Cleusa, referindo-se ao CA/UFSC, “[...] foram os anos mais felizes de trabalho, por ter também meus três filhos estudando [...] e para completar minha alegria, tive como companheiras de profissão, duas irmãs<sup>90</sup> mais jovens por lá.”

A respeito do ensino de matemática no primário do CA/UFSC em 1980, segundo o testemunho desta professora, foi possível perceber

---

<sup>90</sup> Professoras Cléia Maria Borges da Silva e Maria Clarete Borges de Andrade.

influências das orientações da matemática moderna como, por exemplo, o uso de materiais concretos como os blocos lógicos. Ainda, destacam-se a preocupação com o planejamento de matemática, elaborado de acordo com as referências oficiais, buscas pessoais e, sobretudo, a troca e a interação entre as colegas.

Em nosso diálogo, Cleusa descreve não só o período e as motivações que a levaram a optar pelo CA/UFSC, bem como, seu exercício no Magistério e suas referências no ensino da matemática. São recordações pessoais e experiências de um coletivo que a levam, ao final do testemunho, a leitura em voz alta do texto “Minhas lembranças” de sua autoria, composto em 2006<sup>91</sup>. No final desse texto, uma frase de Cleusa, lida como muita emoção e saudade: “Se fosse possível começaria tudo novamente...”

### ***De Belém do Pará ao CA/UFSC: muitas histórias para contar...***

Nascida em Belém do Pará e desde muito nova iniciada no magistério, Ivaneide Coelho Martins é um dos casos em que a poesia, o amor e a superação mesclam-se à vida, guardando memórias e experiências valiosas. Em 1974, mudou-se para Florianópolis/SC, se casou com Vítor e iniciou sua carreira profissional em uma escola pública estadual; posteriormente selecionada em 1º lugar como professora da 3ª série primária do CA/UFSC, em 1980.

De sua experiência no Magistério, Ivaneide faz questão de testemunhar que “[...] por trás do meu sucesso está o meu irmão, minha irmã Ieda e o exemplo da minha mãe dedicada, amorosa e religiosa. É um instinto maternal que leva também ao magistério”. Anterior à atuação dessa professora no CA/UFSC, ela trabalhou no Instituto Psicopedagógico do Pará (Belém/PA), na Escola Básica Juscelino Kubitschek (São José/SC) e no Jardim de Infância, “Amor de criança” (Florianópolis/SC).

Particularmente no CA/UFSC foram 22 anos de dedicação, ministrando aulas de Educação Geral e, ainda, atuando por um ano como professora apenas de matemática (1986), em uma turma de 3ª série. Lembra a professora que o ensino da matemática em 1980, sobretudo a linguagem dos conjuntos da matemática moderna, era ministrado por meio do que

---

<sup>91</sup>Esse texto pertence ao Acervo Pessoal da professora Cleusa Platt.

chamou de um ensino globalizado, que consistia em explorar os conteúdos de matemática associados a outras áreas de conhecimento.

Conforme Ivaneide, sua experiência junto ao CA/UFSC contribuiu para torná-la a pessoa que é hoje: “aprendi um pouco com cada grupo de professores de lá, pois me respeitavam e me ajudaram a me libertar de algumas amarras. Posso afirmar que eu entrei em 1980 no CA/UFSC de um jeito e sai de outro em 2002, quando me aposentei.” Foi com esse clima saudoso, acompanhado da leitura em voz alta de frases escritas pela professora em um belo cartão com que me presenteou, e ainda de uma fotografia da turma da 3ª série do ano 1982 (Figura 1), que concluímos seu testemunho.



*Da seleção e expectativas das professoras no Colégio de Aplicação...*

Figura 1: Ivaneide e a 3ª série B do CA/UFSC. Fonte: Acervo Pessoal de Ivaneide C. Martins, 1982.

O ano de 1980 marcou oficialmente no CA/UFSC<sup>92</sup> a implantação das quatro séries iniciais do denominado ensino de 1º Grau (BRASIL, 1971). O Edital nº. 001/80 - CA/CED/UFSC, de 23 de janeiro de 1980, assinado pela diretora em exercício, professora Herta Kieser, torna público a

<sup>92</sup> Sobre o período que antecede a implantação do ensino primário, consultar especialmente as dissertações “Análise da Prática Docente: um estudo da dinâmica de modernização pedagógica” de Carmem Aíde H. Silva (1989); “Cultura Escolar no Ginásio de Aplicação/Universidade Federal de Santa Catarina na década de 1960” de Maria Clarete B. de Andrade (2009); o primeiro capítulo da dissertação “O Colégio de Aplicação da UFSC e apolítica de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: entre o formal e o pedagógico” de Mariza K. de Campos (2008); e o segundo capítulo da dissertação “O Ensino Fundamental de nove anos e o Colégio de Aplicação: da “Prontidão” à Emergência da Infância” de Carla C. Loureiro. Disponíveis na biblioteca do CA/UFSC.

abertura para o exame de seleção de “professor de 1ª a 4ª série do 1º Grau do CA/UFSC”. Abanca examinadora era composta pelas professoras: Hélia de Freitas Lima Fernandes (presidente), Anna Ignácia Costa Gonçalves e Maria Teresa de Araújo Waltrick (UFSC, 1980a, p. 1).

Nesse Edital constam 2 (duas) vagas para cada série a serem preenchidas por professores de Educação Geral<sup>93</sup>, exigindo-se como requisito mínimo o “curso Pedagógico de 2º Grau” (UFSC, 1980a, p. 2). Além dessas vagas, foram abertas uma para professor de Educação Física e outra para Educação Artística<sup>94</sup>. A admissão desses professores era feita em caráter probatório pelo prazo de 1 (um) ano, sob o regime jurídico da Legislação Trabalhista, podendo ser renovado por igual período (Idem, p. 3).

De acordo com Cleusa e Ivaneide, era necessário optar pela série, já no ato da inscrição, ao se candidatar à vaga de professor. Com duração de 40 a 50 minutos, a prova didática compunha, junto com a de títulos e a entrevista, o “exame de qualificação” previsto no Edital. Na 1ª série, tal prova seria realizada levando em conta fundamentos da alfabetização e da matemática. Nas demais séries havia pontos temáticos, quais sejam: Escola (2ª série); Comunidade (3ª série); Alimentação (4ª série). No entanto, lembram as professoras, não havia uma relação dos conteúdos para explorar com esses temas.

Ambas as entrevistadas se inscreveram, então, para este concurso, escolhendo a 1ª série para lecionar. Porém, Ivaneide recorda que alterou sua opção “quando a Maria Teresa [Maria Teresa de Araújo Waltrick da banca examinadora] pergunta em voz alta para as candidatas se desejavam trocar de série. Na mesma hora levantei o braço e escolhi a 3ª série. Então, no sorteio do ponto para a prova didática, peguei o tema Comunidade.” Essa professora lembra que o auxílio do irmão Ribamar, de férias em Florianópolis, foi fundamental para o planejamento dessa prova.

Em seu testemunho Ivaneide narra com entusiasmo que foi elogiada pelo modo com que “ministrou” a aula, usando uma encenação como se

---

<sup>93</sup>Correspondente as áreas de conhecimento: comunicação e expressão, estudos sociais ou integração social, ciências e matemática.

<sup>94</sup>Embora em mesmo edital, a seleção para professores de Educação Física tinha uma banca específica, diferente de Educação Artística e Educação Geral que partilhavam a mesma banca.

houvesse crianças na sala e explorando os conteúdos das disciplinas de forma integrada. Igualmente, conta que entregou uma cópia do plano de aula para cada professora da banca examinadora, as quais comentaram sobre o capricho, a organização e a letra. Como exemplo, segue a primeira página desse plano de aula (Figura 2) que, entre os objetivos, traz a linguagem dos conjuntos e situações-problemas como proposta para a matemática.

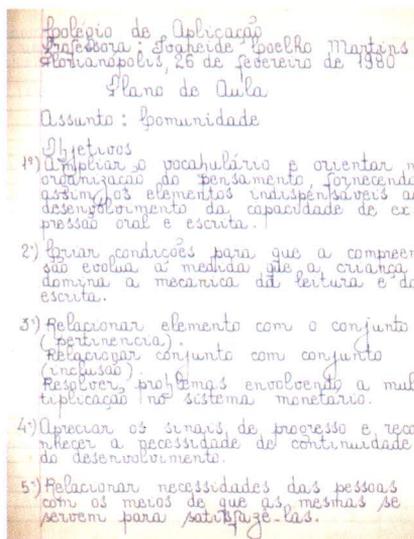


Figura 2: Primeira Página do Plano de Aula de Ivaneide.  
Fonte: Acervo Pessoal de Ivaneide C. Martins, 1980.

No que concerne ao testemunho de Cleusa, destaco suas expectativas em prestar a seleção no CA/UFSC. Essa professora afirma que, quando foi selecionada, optou em permanecer nessa escola, sobretudo, em função da aprovação de seus filhos e filha no teste seleção. Conta que “naquela época o CA/UFSC atendia somente filhos de professores e funcionários da UFSC<sup>95</sup>” e, ainda, era conhecido “por preparar bem os estudantes para o vestibular”, sendo uma honra para ela ser professora desta escola.

Outra expectativa ainda é colocada por Cleusa, que diz: “quando eu entrei no CA/UFSC, trabalhava-se com muita seriedade buscando enfatizar

<sup>95</sup>Conforme Campos (2008, p. 35), a Portaria do Gabinete do Reitor n.036 de 1980, em seu artigo 1º, determinava cinquenta vagas a serem distribuídas entre filhos de funcionários e professores da UFSC.

bem os conteúdos e cumpria-se o plano de ensino. Ficávamos o dia todo por lá; eram 40 horas dedicadas mesmo.” A professora ainda se recorda da liberdade na época em propor e discutir o planejamento das aulas, cujos objetivos eram bem definidos a fim de ensinar os conteúdos e preparar as crianças para a série seguinte.

Por sua vez, versão semelhante é apresentada por Ivaneide, ao afirmar que “uma coisa importante do CA/UFSC na época [1980], e até eu me aposentar, era a liberdade que se tinha no ensino. Nesse sentido, havia uma integração muito grande entre os professores do primário, ginásio e 2º grau em planejar os conteúdos. Nós sentávamos com todos os professores e discutíamos tudo sobre conteúdos e planejamento.” Ainda, conforme Ivaneide, para o ensino da matemática eram disponibilizados materiais e a linguagem dos conjuntos servia como o conteúdo inicial, passando por todas as séries.

Ao contarem suas trajetórias pessoais, cada uma a seu modo, Cleusa e Ivaneide, trazem as expectativas colocadas em um coletivo no tempo e no espaço, marcando sua prática também em matemática. Veem-se, portanto, modos singulares de expor representações de um passado, organizando e materializando práticas de ensino e tecendo uma identidade ao CA/UFSC. Com efeito, a memória “[...] traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagens e representações” (DELGADO, 2006, p. 61).

Assim, da seleção e expectativa dessas professoras ao ensino primário do CA/UFSC, volto-me para discutir suas práticas pedagógicas em matemática, tendo em vista vestígios do tempo da matemática moderna. No caso, o que contam e lembram Cleusa e Ivaneide sobre ensinar e aprender matemática no primário do CA/UFSC, em 1980? Como esse ensino era planejado, que escolhas eram feitas e que referências eram empregadas pelas referidas professoras podendo ser associadas ao tempo da matemática moderna?

### ***Das práticas de outros tempos para ensinar e aprender matemática...***

Em março de 1980, com a contratação das candidatas<sup>96</sup> para as vagas de 1ª a 4ª série, houve um planejamento elaborado ao ensino primário.

---

<sup>96</sup> O número de candidatas inscritas por série era: 09 (1ª série); 16 (2ª série); 09 (3ª série) e 11 (4ª série). Dessas, foram consideradas habilitadas 02 para a 1ª série, 04 para a 2ª série,

Conforme contam Cleusa e Ivaneide, embora os conteúdos para a matemática para esse ensino fossem provenientes do Programa do Estado de Santa Catarina, havia uma prática adotada para planejá-los no CA/UFSC. Ambas as professoras testemunham que “naquele tempo” reuniam-se todos os professores do primário, ginásio e 2º Grau para elaborar o planejamento por séries no CA/UFSC.

Sobre esse modo de trabalhar, Cleusa relata: “na época [1980], a gente se reunia com a supervisão escolar e com todas as professoras primárias por séries, por exemplo, as 1ª e 2ª séries juntas discutiam os conteúdos por área (matemática e ciências; língua portuguesa e estudos sociais), depois as 2ª e 3ª séries e, assim por diante, até o 2º Grau. Havia a ideia de continuidade no ensino e na matemática era assim.”

O testemunho de Cleusa é reiterado por Ivaneide, contando ainda que, ao se reunirem em grupo, cada professora dava uma opinião, montando um rascunho que depois “virava” o plano de ensino de matemática. Nesse processo, as professoras citam Márcia Cardoso<sup>97</sup> como uma grande parceira que ajudava a orientá-las. Lembra Cleusa, “a Márcia dava aula de matemática nas 5ª séries e o que ela dizia nós respeitávamos”. Tal opinião é compartilhada por Ivaneide, ao falar dessa mesma professora, “até individualmente ela me atendia quando eu tinha dúvida sobre algum conteúdo de matemática.”

A respeito dos conteúdos para matemática no ensino primário de 1980, as referidas professoras identificam a linguagem dos conjuntos como o meio articulador para explorar outros conceitos matemáticos como, por exemplo, números, frações e, ainda, geometria. Igualmente, dizem que o plano de ensino em 1980 era chamado de “iniciação à ciência e matemática”, desmembrando-se, no ano seguinte, em plano de matemática e plano de ciências.

Em sala de aula, Cleusa lembra que usava palitos, o quadro valor de lugar e materiais concretos como os blocos lógicos para ensinar, por exemplo, os conjuntos, as quatro operações e o sistema de numeração

---

05 para a 3ª série e 02 para a 4ª série, sendo contratadas apenas as duas primeiras classificadas (CA/CED/UFSC, 1980b).

<sup>97</sup>Professora de matemática que está na ativa, atuando junto aos anos finais e ensino médio do CA/UFSC.

decimal. A professora lembra também de referências no ensino da matemática, tais como Jean Piaget, Maria Montessori e Henriqueta de Carvalho. Informa, ainda, que as crianças não usavam livros didáticos de matemática na 1ª série no CA/UFSC em 1980. E faz questão de dizer que as atividades que propunha “eram bem diversificadas e tudo era registrado no caderno das crianças, semanalmente recolhidos para corrigir e passar um recadinho de incentivo.”

Para a 3ª série, Ivaneide relata que usava o material dourado e procurava trabalhar a matemática integrada com algum assunto ou área de conhecimento. Por exemplo, conta a professora, “dei aula para a filha da Ana Faraco<sup>98</sup>, a Tatiana. Um dia a Ana falou para mim que a filha tinha lhe contado de uma aula maravilhosa. Era sobre conjuntos que globalizei com integração social, envolvendo o mapa de Florianópolis. Nós formávamos conjuntos e subconjuntos dos bairros e sua localização, se Sul da Ilha ou Norte etc. As crianças montavam no quadro e havia uma brincadeira com número. Lembro que bateu o sinal para o recreio e nada de as crianças irem.”

Outra lembrança citada por Ivaneide, de sua prática em matemática na 3ª série, eram as situações-problemas que criava junto com as crianças. Nestas situações, ela empregava símbolos, tais como o uso do quadradinho para avançar na resposta. Explica a professora: “eu dava um valor numérico e as crianças tinham que criar os enunciados oralmente, passando de um para outro até a última dar o resultado final. Então, uma [criança] criava, outra montava a sentença matemática com o símbolo e, por fim, outra dava a resposta completa.” E confessa: “essas atividades me empolgavam tanto que chegava a noite e eu não conseguia dormir, ficava com um caderno do lado para anotar ideias diferentes que surgiam para propor em sala de aula.”

Nos testemunhos das professoras, outro assunto que mereceu atenção, esteve relacionado à preocupação da aprendizagem das crianças em matemática. Para Cleusa era um desafio atuar na 1ª série do CA/UFSC, pois havia “criança que além de chegar sabendo ler e escrever fazia contas de matemática muito bem e outras, não. Então, como uma maneira de amenizar esse fato, atendia as crianças que ainda não sabiam ler, contar [...] no reforço de matemática, previsto em período contrário às aulas.”

---

<sup>98</sup> Professora de português aposentada do CA/UFSC.

Na 3ª série, por exemplo, Ivaneide explicava para as famílias que “era preferível ensinar bem um determinado conteúdo de matemática e de modo globalizado, do que ensinar tudo de modo rápido correndo o risco de a criança não entender nada.” Sobre esse assunto, a professora citou uma tática adotada pelas professoras, qual seja: “no início do ano falávamos com a colega da 4ª série sobre o que foi dado de conteúdo em matemática, para que desse sequência, ou enfatizasse mais o que não conseguíamos cumprir e, desse modo, não prejudicávamos a aprendizagem das crianças.”

Assim, deixando fluir os relatos de Cleusa e Ivaneide, pode-se constatar uma prática da matemática no ensino primário do CA/UFSC, não documentada oficialmente. Por exemplo, (a) a organização de um planejamento articulado sob princípio de continuidade, integrando professoras de diferentes graus de ensino; (b) a criação de metodologias próprias ao ensino da matemática; (c) a adoção de táticas para não prejudicar a aprendizagem das crianças.

Esse conjunto de práticas narradas contribui para articular e engendrar as práticas associadas ao tempo da matemática moderna. Ou seja, a presença da linguagem dos conjuntos, das sentenças matemáticas (valor do quadradinho), de materiais manipuláveis (blocos lógicos e o material dourado) é autorizada a partir de cenários, ritos e pertencimentos de um passado, ativado em *flashes* de uma memória presente.

### ***Das considerações...***

A partir dos testemunhos das professoras Cleusa e Ivaneide, foi possível tecer uma parte da história do ensino da matemática no primário do CA/UFSC em 1980. A hipótese é de que as propostas da matemática moderna foram aplicadas a esta prática escolar. Da mesma forma, os testemunhos, ao trazer as expectativas individuais produzidas em um coletivo de escola, permitiram alargar a intenção inicial. Ou seja, à medida que as professoras testemunhavam práticas, concepções, itinerários, regras e personagens, um passado atualizado veio à tona: um desenho de uma parte da história dos 50 anos do CA/UFSC.

Entretanto, algumas considerações sobre essas constatações parecem pertinentes. Uma delas diz respeito às singularidades dos relatos e às suas confluências em direção às práticas e às normas para ensinar matemática no

primário. Pode-se perceber que vestígios das propostas da matemática moderna foram recriados e reinventados quando aplicados na prática pedagógica dessas professoras. Contudo, ao mesmo tempo em que as professoras, à sua maneira, testemunhavam modos particulares de propor o ensino da matemática, inventando-o no cotidiano (CERTEAU, 1994), revelavam aspectos de um passado também normatizado.

O caso das orientações para o ensino de matemática, provenientes do Programa Oficial Catarinense, é um exemplo. Essa condição, certamente, se relaciona com o incentivo da linguagem dos conjuntos e uso de materiais estruturados em suas práticas, associada ao tempo da matemática moderna (1960/1970), aliás, já constatados como vestígios nos planos para matemática do CA/UFSC de 1980 (ARRUDA; FLORES, 2010). De outra forma, pode-se suspeitar a presença dos tais conjuntos, no item 3, do plano de aula de Ivaneide, apresentado para a banca do concurso no CA/UFSC. Provavelmente, era o aceito para a época e, em 1980, ainda como um saber matemático.

Outra consideração que se faz importante é sobre o papel da memória articulando recortes, desvios, significados, referências e marcas de um tempo. Ao testemunhar, as professoras compartilham também suas escolhas, crenças, hábitos, isto é, marcas de um passado e de uma identidade profissional, mas também pessoal. Provavelmente, “compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. [...] construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura” (THOMSON, 1997, p. 56).

Ainda merece ser explicitado o uso dessas memórias individuais tornadas públicas nesse texto. Sobre esse assunto, primeiro, tenho consciência de que essa narrativa escrita é resultado da transcrição de narrativas orais autorizadas. Segundo, a escolha das testemunhas Cleusa e Ivaneide, distante de ser ao acaso, foram oportunizadas pela facilidade do contato, disponibilidade das professoras e afinidade com a pesquisadora. Vale dizer, entretanto, que outras entrevistas - testemunhos - estão previstas para a continuidade deste “tecendo uma história”.

Ademais, cumpre dizer que essa escrita não teve a intenção de usar os testemunhos orais para confrontar fontes documentais oficiais, tampouco complementá-las. Também, devo dizer que não segui uma linha teórica e metodológica da História Oral. O que pretendia, fazendo uso de

testemunhos orais, era desencadear uma rede de outras situações, ampliando referências sobre um passado vivido e aplicado.

Assim, se a escrita da história tem como uma das tarefas convocar o passado em um discurso no presente (CERTEAU, 2007; CHARTIER, 2007), uma possibilidade de tecê-la está nos testemunhos orais articulados às memórias. Apropriar-me de tais testemunhos permitiu alargar o conhecimento sobre parte do passado para compreender no presente de que modo práticas em um determinado ensino são engendradas. Portanto, esse texto emerge também como um espaço às lembranças, produzindo sentidos no tempo atual, mesmo que transitórios, para tecer uma história.

Estes depoimentos, contudo, também se constituem como registro de uma história não muito distante, não muito ofuscada, mas bem presente, onde as protagonistas vivenciam e constroem a história do ensino e das práticas de ensinar matemática no CA/UFSC. Portanto, uma história presente significativa de outra, a dos 50 anos de história desta escola na universidade.

Dessa forma, concluo reproduzindo um testemunho de Cleusa que, na esteira de Ivaneide, declara com emoção no final da entrevista: “gostaria de dizer que me arrependo de ter aposentado, pois me realizava como professora primária. Fiz muitas amigas no Colégio e sou muito grata por tudo que ele me proporcionou.” Ah! Quem dera nesses 50 anos de história do CA/UFSC, e tantos mais que virão, testemunhos similares a estes que obtive. Muito sou agradecida às professoras Cleusa e Ivaneide pelos seus testemunhos.

### *Testemunhos Orais*

MARTINS, Ivaneide C. **Entrevista concedida a Joseane Pinto de Arruda**, em 08 jan. de 2010. Gravação digital. Local: casa da Prof<sup>a</sup> Ivaneide, Florianópolis - SC.

PLATT, Cleusa M. B. **Entrevista concedida a Joseane Pinto de Arruda**, em 09 dez. de 2009. Gravação Digital. Local: casa da Prof<sup>a</sup> Cleusa, Florianópolis - SC.

### *Documentos*

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, n.º 5.692/71**. Diário Oficial da União, N.º 248, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências, 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Edital de Seleção para Professor, n.º. 01/80/CA/CED**. Reitoria, 23 de janeiro de 1980. Torna público o exame de seleção de professor de 1ª a 4ª série do 1º Grau do CA/UFSC. Florianópolis, SC, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Ofício, n.º. 092/80/CA/CED**. Direção do Colégio de Aplicação, de 06 de março de 1980. Requer contratação imediata dos professores habilitados para exercer o cargo de 1ª a 4ª série do 1º Grau do CA/UFSC. Florianópolis, SC, 1980b.

### **Referências:**

ARRUDA, J. P. de. Matemática Moderna no Ensino Primário de Santa Catarina: dos programas oficiais aos planos de ensino. **Seminário Temático: o Movimento da Matemática Moderna nas escolas do Brasil e Portugal**, 7, 2009, Florianópolis. Anais. Disponível em: <http://www.smmmfloripa.ufsc.br/anais/.htm>>. [Acedido em: 29/08/2010].

ARRUDA, J. P. de; FLORES, C. R. A Linguagem dos Conjuntos no Ensino de Matemática: um estudo de caso em uma escola primária. **Boletim**

**de Educação Matemática (BOLEMA)**. Rio Claro: UNESP, edição 35b, vol.23, 2010, p. 405-424.

BASTOS; M. H. C.; STEPHANOU, M. História, Memória e História da Educação. BASTOS; M. H. C.; STEPHANOU, M. (2005). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, Vol. III, 2005, p. 416 - 431.

CAMPOS, M. K. de. **O Colégio de Aplicação da UFSC e a política de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: entre o formal e o pedagógico**. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC), Florianópolis, SC, 2008.

CHARTIER, R. **La historia o la lectura del tiempo**. Tradução: M. G. Polo. Barcelona (Espanha): Editorial Gedisa S.A., 2007.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução: M. de L. Menezes. 6ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Tradução: E. F. Alves. 2ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELGADO, L. A. N. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: um inventário. **Revista Pesquisa Qualitativa**. Bauru, SP: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Ano 2, nº. 1, 2006.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução: B. Leitão. 2ª ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 423-484. (Coleção Repertórios).

MEDINA, D. F. **A produção oficial do Movimento da Matemática Moderna para o ensino primário do estado de São Paulo (1960-1980)**. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2007.

THOMSON, A. Reconpondo a memória – Questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos em Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC/SP**. S.P: PUC, nº 15, abr., 1997, p. 51-84.

<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf> [Acedido em 2 de setembro de 2010]

VALENTE, W. R. O Movimento da Matemática Moderna: suas estratégias no Brasil e em Portugal. BURIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B.; SANTOS, M. B. (Orgs). **A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil e de Portugal**: novos estudos. Porto Alegre: Redes Editora, 2008, p. 7-21.